

O PORTOMOSENSE TAUROMÁQUICO



1984 - Segunda época de divulgação tauromáquica, em Porto de Mós

OS TOIROS DE MORTE E A LEI

OS TOIROS DE MORTE E A LEI

I—A "LEI DA BRASILEIRA

O tema dos "toiros de morte em Portugal", reacendeu-se com a corrida da Moita, já no passado mês de Setembro, mas promete continuar a dar que falar.

Foi graças aos acontecimentos moitenses, que me vi forçado a bisbilhotar os meus "alfarrábios" abalrecidos pelo desuso, a fim de pesquisar as causas legais que puseram termo à "corrida integral".

Um BEM-HAJA ao Mário Coelho pela chamada de atenção, mas note-se:—de entre a pouca literatura que se publicou em Portugal sobre o assunto, apenas constam 2 leis.

Referir-nos-emos hoje, às razões que originaram a 1.ª dessas leis, que a fidalguia toureira do século XIX chegou a rotular de "LEI DA BRASILEIRA."

A "CARIOCA" MARIA II

A história da oposição aos "toiros de morte" começou com o nascimento de uma Maria, no Rio de Janeiro, em 1819, que era filha de um IMPERADOR D. PEDRO e de uma IMPERATRIZ LEOPOLDINA.

No entender dos escritores tauromáquicos do passado, a "DONA MARIA BRASILEIRA" mal chegou ao trono de Portugal, em 1834, começou a embirrar com a fidalguia toureira. Escreveu-se mesmo que a estrangeira rainha nada sabia acerca das tradições de uma Pátria que ocupou.

Porem, em meu modesto entender, a vinda da rainha para Portugal, terá sido uma das razões menores da sua hostilidade, face às touradas.

O que não restam dúvidas, é do ódio dos colaboradores de MARIA II, em relação aos costumes de D. Miguel, que em 1828 fora aclamado o "REI TOUREIRO", de Portugal.

Este monarca—que chegou a tourear em ABIUL (Pombal)—exibiu-se nas principais praças de província e foi o fundador duma notável ganadaria—a 1.ª com vacas seleccionadas, em Portugal—que entusiasmou toda a aficção, após o 1.º quartel do século XIX. Graças a profunda amizade que o ligava a Fernando VII de Espanha, o monarca português recebeu uma vacada de luxo, das melhores, oriunda da manada de D. Vicente Vasquez. A coroa portuguesa ficou mais rica, com a ganadaria do INFANTADO.

Consta que a ganadaria se desfez, ou se desorganizou, no 1.º ano do mandato da rainha, o que fez reagir a fidalguia.

Consequentemente, as melhores vacas da ganadaria foram adquiridas por fidalgos toureiros. Estes, formaram as suas próprias vacadas. Eis como a rainha, no intuito de se desfazer daquilo que não apreciava, acabou por incentivar outras ganadarias com sangue do Infantado.

A LEI DE 1836 E O "BODO" DE ABIUL (POMBAL)

Não contente com a situação—que ela mesma criou, ao longo de um ano de reinado—ei-la a impedir que as NOVAS GANADARIAS se desenvolvessem. Para desencorajar a nobreza, decretou a proibição das touradas, que ela designou de "DIVERTIMENTO BÁRBARO E IMPRÓPRIO DE NAÇÕES CIVILIZADAS". O decreto foi publicado em 19 de Setembro de 1836, pouco tempo depois das festas do "bodo".

Só que, a rainha não esperava pela forte "CONTESTAÇÃO DE TODOS OS SECTORES SOCIAIS DA ÉPOCA", desde o clero à fidalguia, que continuavam a organizar espectáculos de BENEFÍCIO TAURINO.

Em Maio de 1837, já se sabia que, entre outros nobres, o CONDE de VIMIOSO não faltaria às célebres festas do "bodo", em Abiul.

Só restavam à rainha 2 hipóteses:

- ACABAR COM OS FIDALGOS
- OU ACABAR COM A LEI.

Antes do "bodo" de Abiul, em 30 de Julho de 1837, saiu uma "carta de lei", que punha termo à proibição das touradas.

Assim, houve festas do "BOBO" nos dias 1, 2, 3, 4 e 5 de Agosto de 1837. Mas a nobreza —COMO PROVA DE RECONHECIMENTO E CORTESIA—deixou de matar toiros e passou a embolá-los em representações oficiais.

(CONTINUA)

J. S. FAUSTINO ÂNGELO

O NOVO MERCADO

continuação da 1.ª pág.

acesso, quase concluído, correspondente ao caminho da nora. É que, assim, as pessoas têm de dar uma escusada e incómoda volta, com uma subida para cada lado.

BOM PARA GATUNOS

Logo no segundo dia de funcionamento, os gatunos apareceram no novo mercado. A Sra. Deolinda Vieira de Sousa Vala, da Fonte dos Marcos, acabada a sua venda semanal de queijos, contou o dinheiro, viu que tinha apurado mais de sete mil escudos, dirigiu-se a uma banca para comprar bananas e, quando ia para pagar, deu por falta da carteira. Tinham-lha roubado com todo o dinheiro e documentos, entre estes a sua carta de sanidade. A carteira apareceria, pouco depois, com os documentos e sem o dinheiro, escondida ao pé de outra vendedora.

Alguém, de lado, comentava:

—É óptimo, este mercado, para os gatunos, que dispõem, nele, de bons pontos de observação para marcar as vítimas e escolher as saídas, após o golpe.

OS PREÇOS DE O PORTOMOSENSE

continuação da 1.ª pág.

De outro modo, teríamos que, a prazo relativamente curto, encarar a hipótese de suspender o jornal.

O PORTOMOSENSE, com uma massa publicitária diminuta, vive essencialmente das assinaturas, das vendas e da generosidade dos seus amigos. Temos, em todo o caso, esperança em manter o equilíbrio, que reputamos fundamental. E contamos com a compreensão de todos.

Parece-nos supérfluo explicar, mais uma vez, que a sede está instalada numa casa emprestada e que a equipa que o produz não tira dele o mais insignificante proveito pessoal. Criou-o e tem conseguido mantê-lo para serviço, honra e prestígio do concelho. Só. Não é, portanto, demais esperar que os portomosenses, daqui ou de qualquer parte do mundo, respondam pela sua sobrevivência.

Os novos preços são os seguintes:

Assinatura anual no continente e regiões autónomas	650\$00
Assinatura anual nos outros países da Europa.....	850\$00
Assinatura anual nos restantes países..	1.000\$00
Preço avulso	25\$00

A Estrada da Carreirancha - Bouceiros

No perfil que traçamos de João Pereira "Major", ao inseri-lo na "Galeria dos Notáveis", sublinhou-se, em termos a que procuramos dar o possível realce, o empreendimento da construção da estrada da Carreirancha-Bouceiros, e o papel relevantíssimo nela desempenhado por aquele notável alqueidoense. Não deixamos de referir, também, a participação do povo, sem a qual, evidentemente, o melhoramento se não teria realizado.

Posteriormente, tivemos conhecimento de um facto ocorrido, já na fase de alcatroamento da estrada, que teve, como não escondemos, a ajuda, ainda que pequena, da Câmara Municipal.

Da-nos conta de tal facto o teor de um ofício, datado de 10 de Outubro de 1972, assinado pelo Sr. Dr. Licínio Moreira da Silva, ao tempo presidente da edilidade, em que se informa a Comissão de Melhoramentos da estrada que liga a Carreirancha aos Bouceiros, da qual faziam parte os Srs. Joaquim Vieira da Rosa Vitalino, Albino Frazão Ferreira Cecílio, José Amado de Carvalho e Custódio Vieira Tomás, da seguinte deliberação, tomada na reunião de 28 de Setembro desse ano de 1972:

"Proceder ao alcatroamento da estrada Carreirancha-Bouceiros e aceitar da Comissão de Melhoramentos um empréstimo reembolsável em três anos, sem juros, até ao montante de 180.000\$00 e toda a brita e gravilha utilizada na obra e posta no local".

É curioso, sem dúvida, que, depois de todo o trabalho feito pela população e do fornecimento da brita e gravilha, tenha sido ainda a sua Comissão de Melhoramentos a emprestar, sem juros, à Câmara Municipal o dinheiro necessário para o material e equipamento a utilizar no alcatroamento.